

5785

AUTOR

UWE FLICK. Psicólogo e sociólogo. Professor titular de pesquisa qualitativa na Alice Salomon University, em Berlim, Alemanha, nas áreas de Enfermagem, Gerontologia e Serviço Social. Anteriormente, foi professor auxiliar da Memorial University of Newfoundland, em St. John's, no Canadá. É professor auxiliar na Free University of Berlin, na área de metodologia da pesquisa, professor assistente da Technical University of Berlin na área de métodos qualitativos e avaliação; e é também professor adjunto e chefe do Departamento de Sociologia Médica da Hannover Medical School. Ocupou cargos como professor visitante na London School of Economics, na Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales de Paris, na Cambridge University (UK), na Memorial University of St. John's (Canadá), na Universidade de Lisboa (Portugal), na Itália, Suécia e na School of Psychology da Massey University, em Auckland (Nova Zelândia). Tem como principais interesses de pesquisa os métodos qualitativos, as representações sociais nos campos da saúde individual e pública e a mudança tecnológica na vida cotidiana.



F621i Flick, Uwe.
Introdução à pesquisa qualitativa / Uwe Flick ; tradução
Joice Elias Costa. – 3. ed. – Porto Alegre : Artmed, 2009.
405 p. ; 25 cm.

ISBN 978-85-363-1711-3

1. Pesquisa científica – Pesquisa qualitativa. I. Título.

CDU 001.891

Catálogo na publicação: Renata de Souza Borges – CRB-10/Prov-021/08

Métodos de Pesquisa

INTRODUÇÃO À PESQUISA QUALITATIVA

3ª EDIÇÃO

Uwe Flick



Tradução:

Joice Elias Costa

Consultoria, supervisão e revisão técnica desta edição:

Sônia Elisa Caregnato

Doutora em Ciências da Informação pela Sheffield University, Inglaterra

Professora na Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS.



2009

2

Pesquisa qualitativa: por que e como fazê-la

-
- A relevância da pesquisa qualitativa, 20
 - Os limites da pesquisa quantitativa como ponto de partida, 21
 - Aspectos essenciais da pesquisa qualitativa, 23
 - Um breve histórico da pesquisa qualitativa, 25
 - A pesquisa qualitativa no início do século XXI – o estado de arte, 28
 - Avanços e tendências metodológicas, 32
 - Como aprender e ensinar a pesquisa qualitativa, 36
 - A pesquisa qualitativa no final da modernidade, 37

OBJETIVOS DO CAPÍTULO

Após a leitura deste capítulo, você deverá ser capaz de:

- ✓ compreender a história e a fundamentação da pesquisa qualitativa.
- ✓ discutir as tendências atuais da pesquisa qualitativa.
- ✓ entender as características gerais da pesquisa qualitativa e a diversidade das perspectivas de pesquisa.
- ✓ compreender por que a pesquisa qualitativa consiste em uma abordagem oportuna e necessária na pesquisa social.

A RELEVÂNCIA DA PESQUISA QUALITATIVA

Por que utilizar a pesquisa qualitativa? Existe alguma demanda especial desse tipo de abordagem na atualidade? Em uma primeira etapa, irei esboçar uma justificativa para o enorme crescimento do interesse na pesquisa qualitativa ao longo das últimas décadas. A pesquisa qualitativa é de particular relevância ao estudo das relações sociais devido à pluralização das

esferas de vida. As expressões-chave para essa pluralização são a “nova obscuridade” (Habermas, 1996), a crescente “individualização das formas de vida e dos padrões biográficos” (Beck, 1992) e a dissolução de “velhas” desigualdades sociais dentro da nova diversidade de ambientes, subculturas, estilos e formas de vida. Essa pluralização exige uma nova sensibilidade para o estudo empírico das questões.

Os defensores do pós-modernismo argumentam que a era das grandes narrati-

vas e teorias chegou ao fim. As narrativas agora precisam ser limitadas em termos locais, temporais e situacionais. No que diz respeito à pluralização de estilos de vida e de padrões de interpretação na sociedade moderna e pós-moderna, a afirmação de Herbert Blumer torna-se novamente relevante, assumindo novas implicações: “A postura inicial do cientista social e do psicólogo quase sempre carece de familiaridade com aquilo que de fato ocorre na esfera da vida que ele se propõe a estudar” (1969, p. 33). A mudança social acelerada e a consequente diversificação das esferas de vida fazem com que, cada vez mais, os pesquisadores sociais enfrentem novos contextos e perspectivas sociais. Tratam-se de situações tão novas para eles que suas metodologias dedutivas tradicionais – questões e hipóteses de pesquisa obtidas a partir de modelos teóricos e testadas sobre evidências empíricas – agora fracassam devido à diferenciação dos objetos. Desta forma, a pesquisa está cada vez mais obrigada a utilizar-se das estratégias indutivas. Em vez de partir de teorias e testá-las, são necessários “conceitos sensibilizantes” para a abordagem dos contextos sociais a serem estudados. Contudo, ao contrário do que vem sendo equivocadamente difundido, estes conceitos são essencialmente influenciados por um conhecimento teórico anterior. No entanto, aqui, as teorias são desenvolvidas a partir de estudos empíricos. O conhecimento e a prática são estudados enquanto conhecimento e prática *locais* (Geertz, 1983).

No que diz respeito, em particular, à pesquisa na área da psicologia, questiona-se sua relevância para a vida cotidiana por não dedicar-se suficientemente à descrição detalhada de um caso ou partir de suas circunstâncias concretas. A análise dos significados subjetivos da experiência e da prática cotidianas mostra-se tão essencial quanto a contemplação das narrativas (Bruner, 1991; Sarbin, 1986) e dos discursos (Harré, 1998).

OS LIMITES DA PESQUISA QUANTITATIVA COMO PONTO DE PARTIDA

Além desses desenvolvimentos gerais, as limitações das abordagens quantitativas vêm sendo adotadas como ponto de partida para uma argumentação no sentido de justificar a utilização da pesquisa qualitativa. Tradicionalmente, a psicologia e as ciências sociais têm adotado as ciências naturais e sua exatidão como modelo, prestando atenção em especial ao desenvolvimento de métodos quantitativos e padronizados. Os princípios norteadores da pesquisa e do planejamento da pesquisa são utilizados com as seguintes finalidades: isolar claramente causas e efeitos, operacionalizar adequadamente relações teóricas, medir e quantificar fenômenos, desenvolver planos de pesquisa que permitam a generalização das descobertas e formular leis gerais. Por exemplo, selecionam-se amostras aleatórias de populações no sentido de obter-se um levantamento representativo. Os *enunciados gerais* são elaborados da forma mais independente possível em relação aos casos concretos estudados. Os *fenômenos observados* são classificados de acordo com sua frequência e distribuição. No intuito de classificar da forma mais clara possível as relações causais e sua respectiva validade, as condições em que os fenômenos e as relações em estudo ocorrem são controladas ao extremo. Os estudos são planejados de tal maneira que a influência do pesquisador, bem como do entrevistador, observador, etc., seja eliminada tanto quanto possível. Isso deve garantir a objetividade do estudo, pois, dessa forma, as opiniões subjetivas tanto do pesquisador quanto daqueles indivíduos submetidos ao estudo são, em grande parte, desconsideradas. Os padrões obrigatórios gerais para a realização e a avaliação da pesquisa social empírica vêm sendo formulados. Os procedimentos relativos à for-

ma como construir um questionário, como planejar um experimento e como realizar uma análise estatística tornam-se cada vez mais aperfeiçoados.

Durante muito tempo, a pesquisa psicológica utilizou quase que exclusivamente planos experimentais. Esses planos produziram grandes quantidades de dados e resultados que demonstram e testam as relações psicológicas das variáveis e as condições sob as quais elas são válidas. Pelas razões mencionadas acima, durante um longo período a pesquisa social empírica baseou-se essencialmente em levantamentos padronizados. O objetivo era documentar e analisar a frequência e a distribuição dos fenômenos sociais na população – por exemplo, determinadas atitudes. Em escala menor, os padrões e os procedimentos da pesquisa quantitativa foram fundamentalmente considerados e analisados no sentido de esclarecer objetos e questões de pesquisa a que eles se ajustam ou não.

Ao ponderarmos os objetivos mencionados acima, proliferaram-se os resultados negativos. Os ideais de objetividade, em grande parte, desencantam-se; há algum tempo, Max Weber (1919) afirmou ser o “desencantamento do mundo” tarefa da ciência. Mais recentemente, Bonß e Hartmann (1985) declararam o crescente desencantamento das ciências – seus métodos e suas descobertas. No caso das ciências sociais, o baixo grau de aplicabilidade dos resultados e os problemas para conectá-los à teoria e ao desenvolvimento da sociedade são considerados indicadores deste desencantamento. Com uma abrangência bem menor do que a esperada – e, sobretudo, de forma bastante diversa – as descobertas da pesquisa social têm encontrado seu caminho dentro dos contextos políticos e cotidianos. A “pesquisa de aplicação” (Beck and Bonß, 1989) vem demonstrando que as descobertas científicas não são incorporadas às práticas políticas e institucionais tanto quanto se esperava que

fossem. Quando utilizadas, são claramente reinterpretadas e criticadas: “A ciência não produz mais ‘verdades absolutas’, capazes de serem adotadas sem nenhuma crítica. Fornece ofertas limitadas para a interpretação, cujo alcance é maior do que o das teorias cotidianas, podendo ser aplicadas na prática de forma comparativamente flexível” (1989, p. 31).

Tornou-se claro, também, que os resultados das ciências sociais raramente são percebidos e utilizados na vida cotidiana. Na busca por satisfazer padrões metodológicos, suas pesquisas e descobertas frequentemente afastam-se das questões e dos problemas da vida cotidiana. Por outro lado, análises da prática de pesquisa demonstram que os ideais (teóricos) de objetividade formulados pelos metodólogos apenas se verificam em parte do procedimento da pesquisa concreta. Apesar de todos os mecanismos de controle metodológico, torna-se muito difícil evitar a influência dos interesses e da formação social e cultural na pesquisa e em suas descobertas. Esses fatores influenciam na formulação das questões e das hipóteses de pesquisa, assim como na interpretação dos dados e das relações.

Por último, o desencantamento relatado por Bonß e Hartmann traz consequências para o tipo de conhecimento pelo qual a psicologia e as ciências sociais podem lutar e, sobretudo, o tipo de conhecimento que podem produzir. “Na condição de desencantamento dos ideais do objetivismo, não podemos mais partir irrefletidamente da noção de enunciados objetivamente verdadeiros. O que resta é a possibilidade de enunciados relativos a sujeitos e a situações, que devem ser determinados por um conceito de conhecimento sociologicamente articulado” (1985, p. 21). A formulação empiricamente bem fundamentada destes enunciados relacionados a sujeitos e a situações é um objetivo que pode ser alcançado com a pesquisa qualitativa.